

VENHAM PARA A CEIA¹...

*Professor de Liturgia no
ITESP

Antonio Sagrado Bogaz*

FOI ASSIM...


Todos os congressos eucarísticos nacionais e internacionais são eventos marcantes na vida de nossa igreja e suas comunidades. Não foi diferente em Campinas, desde o seu processo de preparação, seu acontecimento e as marcas que ficaram.

Muitos dizem que o Congresso Eucarístico tem por finalidade o reavivamento do Sacramento da Eucaristia e serve mesmo para entusiasmar e fundamentar a concepção cristã e católica da Eucaristia: a presença real de Jesus Cristo. Estes elementos podem mesmo ter sua importância, mas não é a sua motivação essencial. A instituição da Eucaristia, que tem sua fonte no Mistério Pascal de Jesus Cristo, dentro da tradição pascal judaica, origina-se na partilha do pão e do vinho na Ceia derradeira de Jesus e seus apóstolos. Ela resgata a tradição do Cordeiro Pascal, da partilha dos bens comunitariamente e da presença perene de Deus na história humana, por Cristo, no Espírito Santo.

Os séculos se sucedem, novos tempos históricos, novas realidades humanas, tempos e lugares diversificados exigem uma atualização constante da compreensão da presença real de Jesus, consagrada na prática sacramental. A verdade fontal: Jesus se encarna e se presentifica na *partilha do pão e do vinho*, pede por explicitação, conforme novos povos em novas culturas e concepções religiosas. O Congresso vai descobrir, deste modo, a presença real de Jesus Cristo nas várias dimensões humanas — a cidadania, a vida dos empobrecidos, o cosmos e a ecologia, a percepção feminina das relações humanas — concatenando-as nas dimensões religiosas, como a Igreja, a comunidade, os sacramentos, a relação trinitária e pneumatológica. Em palavras poucas, a vida comunitária da Eucaristia dentro da celebração mais complexiva do Mistério Pascal.

1 As celebrações litúrgicas no XIV Congresso Eucarístico Nacional em Campinas, São Paulo, de 19 a 22 de Julho de 2001.

14^o CONGRESSO
EUCARÍSTICO
NACIONAL



VENHAM PARA
A CEIA DO
SENHOR!

CAMPINAS - SP
19 A 22 DE JULHO
DE 2001

O Congresso Eucarístico de Campinas foi o XIV no Brasil. Sua origem está nos Congressos internacionais, que são mais numerosos (40 congressos) e não tem uma regularidade quanto às datas. Muitas vezes, por questões sociais e políticas (mesmo as guerras), os Congressos foram suspensos ou adiados. Os temas e os locais são escolhidos pela Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB). Tem uma longa programação de estudos e preparação espiritual e toda a Igreja do Brasil é convidada a participar. O primeiro Congresso Internacional foi em Sille, no ano de 1881 e o primeiro congresso no Brasil foi em Salvador — Bahia, no ano de 1932.

TODOS NAS FESTAS LITÚRGICAS

O tema escolhido para este Congresso foi VENHAM PARA A CEIA DO SENHOR e como lema: *Eucaristia: fonte da vida e da missão solidária*. Aconteceu na Diocese de Campinas, tendo em seu início uma grande celebração no dia 19 de julho, com uma participação de 60 mil pessoas e sua conclusão numa celebração, vivida por 150 mil pessoas e transmitida por meios de comunicação televisivos e radiofônicos para muitos países. Um total de 5 mil delegados de todas as dioceses aprofundaram os temas, explorando as várias dimensões atuais da Eucaristia na vida das comunidades.

A riqueza do Congresso é indizível. Sua beleza foi grandiosa e não será uma simples narrativa que poderá encantar os leitores, como a presença dos delegados e do povo de Deus fascinou seus participantes. Sobretudo, é preciso destacar, que o Congresso foi muito mais amplo que as imagens representadas, pois aconteceu nos grupos, na convivência, nas preces pessoas, na acolhida gentil do povo das cidades hospedeiras e

nos trabalhos dedicados e alegres das várias comissões. A devoção e o prazer de servir foi a marca forte das pessoas, milhares, que puseram a grande mesa para a Ceia do Senhor.

As celebrações litúrgicas poderão retratar uma porção de toda esta beleza.

1. Orai sem cessar

A espiritualidade foi uma grande preocupação dos organizadores do Congresso. Não deveriam faltar espaços de discussões e de conferências sobre a teologia da Eucaristia, mas o povo deveria realizar seu encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo. Por isto, havia uma capela perto da grande Praça do Congresso, denominada Arautos da Paz. A capela realizava adoração contínua, durante os dias do Congresso, sendo suspensa durante as celebrações eucarísticas. Os religiosos e religiosas, grupos do Apostolado da Oração e ministros da Eucaristia da região alternavam-se nas celebrações de adoração, que duravam cerca de duas horas, variando sempre em três conteúdos específicos: *Venham para a ceia do Senhor, Eucaristia: fonte de missão e Eucaristia: fonte de vida solidária*. Uma grande capela esteve repleta durante as longas horas de adoração. As adorações aconteciam também em outras igrejas por toda a cidade.

Além disso, sacerdotes e religiosas davam *orientação espiritual* ao povo de Deus e, vários sacerdotes atendiam *confissões* em capelas, na Praça, e nas várias Igrejas. O encontro pessoal com Deus se realizava de forma intensa e profunda. Todos se tornavam peregrinos em Campinas e vieram partilhar das graças divinas que mistificavam todos os momentos.

2. As 'pequenas celebrações'

Nos dias do Congresso Eucarístico, os delegados foram divididos em grupos conforme seus interesses para aprofundar as várias dimensões da Eucaristia. Os grupos tiveram pequenas conferências, grandes discussões e concluíram de forma criativa e dinâmica seus painéis e plenários. Os assessores sintetizavam com maestria as conclusões apresentadas pela assembléia. De forma criativa e vivencial, os grupos celebraram para iniciar e concluir suas atividades.

Para celebrar o tema *Eucaristia e Jesus Cristo*, foram apresentadas e cantadas as imagens da Ceia Sagrada, dos dons do Espírito Santo e a ícone da Trindade, como expressão da unidade eucarística divina e modelo para as nossas comunidades. Aproximou-se destes símbolos, a celebração temática do *Misté-*

rio Pascal, o que foi rezado por símbolos reais dos vasos de vinho, dos feixes de trigo e do Círio Pascal, unindo a memória da ceia e do Mistério Pascal à memória viva dos povos latinos, que querem mais vida e solidariedade.

A temática mais social e profética tocou as realidades da *vida dos pobres e da cidadania*, cujos símbolos do pão partilhado, dos rostos sofridos e nas situações dramáticas de nossa gente manifestaram-se onde a Eucaristia pede passagem. O tema *Eucaristia e a Igreja e a Juventude* apontou para a necessidade de uma vivência eucarística mais comprometida com o mundo, através de comunidades mais envolvidas com as necessidades globais. Os elementos da natureza — água, fogo, terra e incenso — exemplificados em flores de girassóis, peixes, e outras criaturas mostraram que a Eucaristia tem *dimensão cósmica* e seus comungantes se tornam responsáveis para cuidar do universo, morada humana.

3. As celebrações na cidade.

Espalhadas pela cidade, nas Igrejas, colégios, praças e ruas, algumas celebrações expressaram outras dimensões da ceia eucarística. As celebrações com as igrejas maronita e melquita expressaram a dimensão plural da partilha do pão. A riqueza e a solenidade de seus ritos foram puro encantamento para as multidões que participaram, entre curiosos e enlevados, das e pelas formas rituais primitivas da tradição cristã.

Os *grupos pastorais* tiveram seus espaços celebrativos muito fecundos. Nas várias celebrações, os jovens, a infância missionária, os religiosos e religiosas, os sacerdotes, as associações e movimentos cristãos fortaleceram a fé e o compromisso eclesial.

As *celebrações de solidariedade* teceram as reflexões mais proféticas da partilha eucarística e, assim, o povo se comprometeu mais fortemente com os dramas dos enfermos, dos subsidiários, dos andarilhos sem terra e dos menos capacitados.

4. As 'grandes solenidades litúrgicas'.

A equipe de liturgia por mais de um ano se reunira semanalmente para preparar os grandes momentos celebrativos do Congresso. Estas celebrações desvelaram os momentos mais marcantes do Congresso Eucarístico de Campinas.

Na grande *celebração de abertura*, entre fogos e luzes festivos e emocionantes, todo o povo foi convidado para a grande ceia do Senhor. Cristo se faz alimento e se oferece como pe-

nhor da vida plena. As bênçãos com água por mais de mil ministros foram abundantes sobre a multidão cheia de energia e alegria. Pela palavra compreendemos que Deus sacia seu povo sedento no deserto (Ex 17), como prenúncio da luz e do pão divinos ofertados em Jesus Cristo (Lc 22, 7-20). O Brasil estava presente em sua pluri-culturalidade e com a alegria das danças típicas a grande multidão foi acolhida.

Na *celebração da sexta feira* — 20 de julho — a CNBB se fez presente para abrir seu jubileu de Ouro. A cruz da Primeira Missa, peregrina nas comunidades do grande Brasil, foi trazida e aclamada ao lado da Maria Negra Aparecida, da raça de nossas raças tupiniquins. A Bíblia foi entregue a vários líderes espirituais como estatuto espiritual de nossa fé cristã. Não foi menos solene a *celebração do sábado*, com a presença de 15 mil jovens na grande Assembléia. Suas faces se revelaram nos símbolos multicoloridos das faixas que representavam o sangue das raças, a força das lutas, a conquista dos sonhos.

A celebração solene de *conclusão do Congresso* foi a expressão simples e grandiosa de crianças, jovens e adultos de todos os lugares. Depois de terem sido tocados pela graça da ceia partilhada, foram enviados para ser fermento na sociedade.

Cantando o hino, assumindo o compromisso da fé eucarística, partiram todos para viver a solidariedade. Do grande santuário da Praça Arautos da Paz, cujo teto era o azul infinito, as abóbodas eram as núvens serenas e suas colunas as árvores distantes, voltaram aos seus lares para pregar e viver a mensagem da ceia: é tempo de repartir Jesus, no culto dominical, na terra de se plantar, na alegria de se viver.

SE PUDÉSSEMOS FAZER MELHOR...

Muitas lições nós aprendemos ao redor do altar. Lições vindas do alto, como sopro divino, como inspiração de fé. Mas as lições vêm também da vida partilhada, da convivência, da hospitalidade e da fraternidade.

Para as celebrações, aprendemos algumas coisas muito importantes.

1. Sobriedade e Alegria.

As celebrações foram muito dinâmicas e profundamente participadas. Os ritos aconteciam com grande solenidade, mas ao mesmo tempo singelos e sóbrios. Os atos solenes de *intermezzo* traziam grande beleza e animação para a grande assembléia, mas sucediam-se os comentários, preces, leituras e gestos mais sóbrios e profundos.

Toda a liturgia fora marcada por expressões dinâmicas, com forte acento para a Palavra de Deus, trazida solenemente e aclamada com emoção; bem como para a Mesa Eucarística, cuidando com delicadeza da ornamentação, como sustento e apoio para os símbolos centrais. Foi evitado o cenário exibicionista que descaracteriza a simplicidade da Ceia do Senhor. De forma complementar, as celebrações uniam a alegria e a sobriedade, a participação rumorosa e a contemplação, a dinamicidade e a simplicidade ritual.

2. Sinais mistagógicos brotados da vida.

Tendo em mente os tempos contemporâneos, onde a presença de sinais mistagógicos — sinais presentes nas ações litúrgicas que abrem as portas ao mistério da fé que se celebra pelo rito — é fortemente resgatada em nossas celebrações. Estes sinais mistagógicos, nascidos da vivência cultural dos grupos celebrantes e da criatividade das equipes de liturgia, deram grande mística à comunicação litúrgica.

Desde a unidade nas vestimentas, nos diversos ministérios, até a preparação dos espaços celebrativos. O trigo, o pão, as flores e frutos, a água, os vasos de barro, o fogo, os livros sagrados foram os símbolos mais presentes. Todos os sinais mistagógicos vivos e reais, evitando sempre a sua falsificação, que vulgariza e teatraliza o rito.

3. Comunhão sob as duas espécies

Cinco séculos se passaram desde que os reformadores atacaram a Igreja por partilhar apenas a espécie do pão nas celebrações eucarísticas. Mesmo professando o *totus Christus*, o Concílio de Trento pede que a ceia fosse partilhada sob as suas espécies, sejam o pão e o vinho, corpo e sangue do Senhor. No Missal Romano, Paulo VI reafirma esta prática. O Congresso Eucarístico teve coragem e foi profético. Contrariando a tese que afirma a impossibilidade de comunhão sob as duas espécies nas grandes assembléias, ministros, ministras e padres, com 1500 cálices e âmbulas, distribuíram nas quatro celebrações, em poucos minutos, a Eucaristia, no corpo e sangue de Cristo.

Ficou o sinal transformador, pois é forte o clamor que a Eucaristia seja sempre assim, pois foi deste modo que o Senhor fez na última ceia. A Missa é uma atualização desta Ceia Santa. Jesus continua a celebrar e a comunidade é seu discípulo.

Para além das celebrações, solenes e cheias de beleza, fica o desafio de partilhar o pão em suas várias dimensões: a terra, o cosmos, a saúde, os bens, a educação. Afinal, a Eucaristia é fonte de vida solidária.